

## Mudar de vida

« (...) Mudar de vida é uma questão que ainda não está resolvida. Mas o que é a minha vida senão a própria vida que está contida em toda a força perdida, em toda a vida perdida, consumida, passada, repassada, ultrapassada, como se não fosse vida.

A minha vida não há!

Uma vida mesmo vida só pode ser um espaço que está dentro de um abraço que se dá ou não se dá.

(..) Uma vida separada, se parada, se a vida seca e mais nada, se for vida distraída, alienada, sozinha, irrelevante e autoignorada já não é vida vivida, uma vida se parada não é vida não é nada.

São corpos minerais, nem plantas nem animais, pois quem vive distraído à conta do seu umbigo, quem não é capaz de dar a vida pela vida de um amigo, está sozinho com os outros e está sozinho consigo. Pelo menos é assim que eu vejo as coisas.

Então, mudar de vida para quê?

Em tudo o que foi vivido procuramos um sentido, o que essa vida nos diz, uma matriz, um pendor, um sonho, um amor, um desamor, uma paixão, uma razão ou uma grande razão.

Por baixo de cada vida há essa roda que gira com os ratinhos lá dentro a fazer a roda andar. As coisas materiais, as coisas essenciais, o pão, a casa, os sinais, que são a vida direta, a existência concreta, as coisas que estão à mão, que nos parecem normais, a paz, o pão, a saúde, a habitação.

(...) Vida verdadeiramente é sempre a vida de gente que penosamente, insistentemente, inexplicavelmente vai fazendo andar a roda que fabrica a vida toda.

Muitos de nós nem dão conta, achamos isto normal.

Mas, afinal, e a hora de trabalho que há em qualquer coisinha?

E o cansaço da mãe com as panelas na cozinha?

Como se chama a Judite que me fez esta camisa?

Onde está o Eduardo que fez este projetor?

E onde para o Vladimir que ergueu aquela parede?

Estão não sei onde, do outro lado daquilo a que nós chamamos vida.

A vida deles para nós não é bem vida.

É, digamos assim, mercadoria produzida.

São umas coisas, uma coisas que vivem sei lá onde, sei lá como.

Viverão?

Essa gente, tirando alguma exceção, não está confortavelmente aqui sentada à minha frene a ouvir a minha canção.

Vai vendo telenovelas, olhos perdidos no espaço, a digerir o cansaço, a descansar do vazio.

São corpos esgotados destinados a ser recarregados, que amanhã é outro dia em que vão trocar por pão, ou tudo ou nada, mais e mais mercadoria, fabricada, montada, embalada e transportada, que para eles não vale nada. (...)

\* Excerto da letra de uma longa canção inédita, apresentada apenas em concerto e documentada no documentário *Mudar de Vida*, de Nelson Guerreiro, Pedro Fidalgo

Também compôs música para filmes, como *Agosto* e *Coitado do Jorge*, de Jorge Silva Melo, *Três Menos Eu*, de João Canijo, *Até Amanhã Mário*, de Solveig Nordlung, e *Rio do Ouro*, de Paulo Rocha. Após a reedição remasterizada da sua obra completa, saiu em 2018 um álbum de inéditos, que reúne temas seus dispersos, de entre 1967 e 1999. E já este ano foi lançado o álbum tributo, chamado *Um Disco para José Mário Branco*, que inclui versões das suas cantigas por músicos de vários estilos e gerações, como Mão Morta, Lucas Argel, Ruas, Camané, Osso Vaidoso ou até os norte-americanos Walkabouts.

Em 2014, Nelson Guerreiro e Pedro Fidalgo realizaram *Mudar de Vida*, um ótimo documentário sobre a vida e a obra de José Mário Branco, que tem como mote o tema *Mudar de Vida*, um inédito, cantado apenas ao vivo (nem

sequer está no disco de inéditos), que funciona como uma nova versão de FMI. Pode até ser visto como um testamento: "Quem vive distraído/ à conta do seu umbigo/ quem não é capaz de dar a vida pela vida de um amigo/ está sozinho com os outros e está sozinho consigo". Algo parecido terá dito a um dos filhos, numa mensagem que circula pelas redes sociais: "Nunca te esqueças de uma coisa: os estados depressivos têm uma característica nuclear facilmente identificável, que é a de tudo passar a ser tendencialmente 'conjugado' na primeira pessoa do singular. Não sou psiquiatra nem psicólogo, mas a vida ensinou-me que quanto menos pensarmos/ conjugarmos/nos preocuparmos com o ego, menos atreitos ficamos às depressões. Ao contrário, tentemos aplicar o verso de Pessoa (que é tão verdadeiro!): 'Só guardamos o que demos'". JL

## O maestro

MANUEL PEDRO FERREIRA

« O hábito de chamar "maestro" não apenas a quem dirige um coro, uma banda ou uma orquestra, mas também, genericamente, ao que guia, exemplifica e faz avançar a execução musical, aproxima a palavra do cognato "mestre", pois está a meio caminho entre duas das suas acepções, a de professor e a daquele que domina a sua profissão.

Para além de autor, compositor e intérprete, José Mário Branco foi verdadeiramente um "maestro", enquanto condutor de músicos e mestre de oficina sonora — não só a própria, como sobretudo de outrem. Na verdade, desde cedo que ele se assumiu como produtor musical, desdobrando-se ou não como arranjador: desde os discos de James Ollivier, Jean Sommer, José Afonso e José Jorge Letria às colaborações com Maria Guinot, Janita Salomé, Amélia Muge, Samuel, ou fadistas de primeiro plano (Carlos do Carmo, Camané, Katia Guerreiro), passando pelo Grupo de Ação Cultural, pelos Gaiteiros de Lisboa e pelos álbuns do galego Miro Casabella, José Mário Branco foi deixando a sua marca na sonoridade escolhida, na consciência das opções artísticas e no rigor das interpretações, sem que com isso o estilo de cada um deixasse de ser respeitado.

José Mário Branco, na verdade, sabia escutar, e essa não era a menor das suas qualidades. Escutava muito, e sabia muito de ter escutado. Escutava as pessoas como escutava as artes. E quando dizia, fosse dizendo fosse cantando, parecia que toda a escuta, do outro e de si mesmo, estava lá. A escrita musical era apenas uma ferramenta, de entre as muitas de que dispunha — a voz, o gesto, o teclado, o violão, o acordeão — para dar forma a uma ideia sonora.

Dominar essa ferramenta foi fundamental para o seu trajeto artístico, mas o que realmente fez com que se destacasse foi o ouvido ávido e atento, conjugado com uma invulgar fecundidade criativa. Músicas tradicionais, músicas urbanas da mais variada índole, músicas clássicas e contemporâneas, o jazz... nada lhe era alheio, e tudo podia incorporar nos seus arranjos, desde que artisticamente justificado; por vezes até se permitia imprimir aí o seu próprio estilo. Na verdade, o papel de produtor/arranjador e o papel de cantor/compositor foram-se alimentando mutuamente, e a obra própria dificilmente pode ser desligada do que criou para outros músicos.



Concerto 'Três Cantos', 2009 José Mário Branco (à esq.), com Sérgio Godinho e Fausto

**Não há neutralidade no canto. Sou contra o jargão de música de intervenção, porque tudo é intervenção. Mesmo a atitude do pós-modernismo é uma forma de intervir, anulando a sua relação com a comunidade, da qual se depende e se está inserido. O Tony Carreira é mais músico de intervenção do que eu. Para ele a cantiga é uma arma poderosa.**

JL 1244 6/6/2018

Isto leva-nos ao José Mário Branco que se veste de outro, que faz suas as narrativas alheias: o Zé Mário-ator. Não sendo uma faceta habitualmente destacada na sua biografia, a experiência de palco, especialmente no Teatro do Mundo, nascido d' A Comuna, é fundamental para perceber quer a sua virtude camaleónica, central na produção musical, quer a sua exigência dramática, que contamina a postura interpretativa, de fundo passional e natureza expressiva mas, em geral, tecnicamente contida. A qualidade da sua presença pública vivia não só de uma dignidade seca, quase altiva, como da ocupação judiciosa do espaço, da vocalização mesurada, do domínio do tempo declamatório.

Até que ponto José Mário Branco logrou desempenhar, através da própria obra poético-musical, um papel de oráculo? Esta qualidade oracular, que depende de uma prévia interiorização das questões a que há que dar resposta e exige uma digestão criativa, revelou-se no exílio mas tornou-se depois incompatível com o simplismo ideológico e o imediatismo da intervenção política que dominou os anos 1974-1975, voltando a despontar no rescaldo do processo revolucionário.

Canções panfletárias como "Alerta!" e "A cantiga é uma arma" podem ter ficado no ouvido como relíquias de um tempo ido, mas não é certamente nelas que reside a maior força retórica de José Mário Branco, que depois da experiência do GAC viria a encontrar no álbum LP e depois no CD o formato ideal para desenvolver em nome próprio o seu personagem oracular (sendo "F.M.I.", atuação só parcialmente musicada, um caso à parte); é nestes discos que confluem o alargamento da escala temporal, a complexificação da forma ou textura e o enriquecimento da paleta tímbrica, que permitem quer a vertigem emocional que caracteriza tantas das suas canções mais recentes, quer a conquista de novos ouvintes. É através do seu «Amor gigante» a música que ele melhor persegue a convicção de que «a minha arte é estar aqui convosco». Se bem que esteja em livre acesso, desde há mais de um ano, o Arquivo José Mário Branco ([www.arquivo-josemariobranco.fcsh.unl.pt](http://www.arquivo-josemariobranco.fcsh.unl.pt)), o estudo dessa arte está ainda por fazer. JL